

TRÊS SONETOS DE CAMÕES TRADUZIDOS
POR ROBERTO GIGLIUCCI

Consta dos registos que o primeiro tradutor de Os Lusíadas para italiano foi o genovês Carlo Antonio Paggi, o qual estanciou no século XVII em Lisboa, onde editou em 1658 Lusiada Italiana. Para a lírica, será necessário esperar pelo século seguinte, quando em 1732 Giulio Beccelli verteu para língua italiana três sonetos de Camões publicados em Della novella poesia. Na verdade, a lírica coloca ao tradutor problemas bastante particulares, que se prendem, além do mais, com a modulação de sonoridades, acentos e ritmos muito específicos. Mas na actualidade é difícil, se não impossível, encontrar no mercado livreiro italiano uma tradução global do Camões lírico.

É essa lacuna que Roberto Gigliucci, Professor da Universidade de Roma “La Sapienza”, se propõe preencher através de um novo projecto de tradução da lírica camonianiana. Especialista de poesia italiana do século XVI, membro do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, sediado na Universidade de Coimbra, e colaborador no Comentário a Camões (Lisboa, Cotovia, 2012), encontra-se pois munido de um aturado convívio com o poeta. Nas suas versões, procura aproximar-se do original português no domínio da sintaxe, do vocabulário e da estrutura rimática, tirando partido, sempre que possível, do paralelismo entre as duas línguas, mas sem fazer da rima condição rígida. Nesse sentido, Roberto Gigliucci, serve-se da sua familiaridade com a poesia de Petrarca e dos petrarquistas italianos do século XVI, para afinar a sonoridade dos versos de Camões

pelos modelos italianos da época, que afinal eram os do poeta. A rima deixa então de ser um imperativo absoluto, em prol da modulação de toda a sonoridade frásica. Assim se perpetua um interesse histórico cujos antecedentes, em território italiano, têm raízes longínquas.

Rita Marnoto

Quella che, d'una pura castità,
su se stessa crudel colse vendetta
per breve ed improvviso mutamento
contrario al proprio onore e qualità,
vinse sulla bellezza l'onestà,
vinse al fine di vita la speranza,
perché restasse viva tal membranza,
tal amor, tanta fé, tal verità.

Di sé, degli altri e del mondo dimentica,
ferì con duro ferro il blando petto,
insanguinò la forza del tiranno.

Strana l'audacia! Strano fu il successo!
Che, dando breve morte al corpo umano,
abbia la sua memoria larga vita!

Naiadi, voi che quei fiumi abitate
che i mesti campi ognor vanno rigando,
dagli occhi miei ne vedrete sgorgare
altri, che quasi ai vostri sono eguali.

Driadi, voi che le frecce scagliate,
i fuggitivi cervi arrovesciando,
altri occhi vedrete che, trionfando,
rovescian cuori, di maggior valore.

Lasciate la faretra e le fresche acque,
e venite, mie Ninfe, se volete
saper come dagli occhi nascan doglie;
vedrete come vanno invano i giorni;
ma non verrete in van, che troverete
negli occhi suoi i dardi, e ne' miei l'acque.

*Aquela que, de pura castidade,
de si mesma tomou cruel vingança
por ùa breve e súbita mudança
contrária à sua honra e qualidade
venceu à fermosura a honestidade,
venceu no fim da vida a esperança,
por que ficasse viva tal lembrança,
tal amor, tanta fé, tanta verdade.*

*De si, da gente e do mundo esquecida,
feriu com duro ferro o brando petto,
banhando em sangue a força do tirano.*

*Estranha ousadia! estranho feito!
Que, dando breve morte ao corpo humano,
tenha sua memória larga vida!*

*Náiades, vós, que os rios habitais
que os saudosos campos vão regando,
de meus olhos vereis estar manando
outros, que quasi aos vossos são iguais.*

*Driades, vós, que as setas atirais,
os fugitivos cervos derrubando,
outros olhos vereis que, triunfando,
derrubam corações, que valem mais.*

*Deixai as aljavas logo, e as águas frias,
e vinde, Ninfas minhas, se quereis
saber como d'uns olhos nascem mágoas;
vereis como se passam em vão os dias;
mas não vireis em vão, que cá achareis
nos seus as setas, e nos meus as águas.*

I vestimenti Elisa rivolgea
ch'Enea le avea lasciato per memoria,
dolci spoglie della passata gloria,
dolci, quando suo Fato il consentìa.

Tra quei, la bella spada ella vedea
che strumento fu poi di triste storia
e, come chi di sé avesse vittoria,
sola parlando con lei, sì dicea:

– Bella e fiammante spada, se restasti
soltanto per adempiere gli inganni
di chi volle lasciarti, a la mia vita,

sappi che tu con meco t'ingannasti;
ché, per sottrarmi a così tanti danni,
m'è d'avanzo il dolor della partita.

*Os vestidos Elisa revolvía
que lh'Eneias deixara por memória;
doces despojos da passada glória,
doces, quando seu Fado o consentia.*

*Entr'eles a fermosa espada via
que instrumento foi da triste história
e, como quem de si tinha a vitória,
falando só com ela, assi dezia:*

*– Fermosa e nova espada, se ficaste
só para executares os enganós
de quem te quis deixar, em minha vida,*

*sabe que tu comigo t'enganaste;
que, para me tirar de tantos danos,
sobeja-me a tristeza da partida.*